

Kriolidadi

Parte integrante do Jornal A Semana • Sexta-feira, 1 de Outubro de 2004

*Nhó
Rogue*

20
ANOS
DI

SODADI



ANTÓNIO AURÉLIO GONÇALVES

20 anos de saudade

Literatura

Há precisamente 20 anos morria, no Mindelo, aquele que ainda hoje é considerado o mestre da ficção cabo-verdiana, António Aurélio Gonçalves. Nho Roque, como era chamado pelos mindelenses, tinha 82 anos de idade e é ainda hoje autor de alguns dos mais expressivos textos de ficção produzidos pela literatura crioula, *Pródiga*, *Noite de Vento*, *Enterro de nha Candinha Sena*, *Virgens Loucas*... Há 20 anos, uma "carrinha" desvairada atropelou-o, na Avenida Marginal, quando vinha de um dos seus míticos "passeios higiênicos", acabando por falecer dois dias depois no Hospital Baptista de Sousa. Vinte anos depois o que resta de Gonçalves, para além da infinita saudade dos seus admiradores e amigos?

Retratado pelos seus contemporâneos como um homem afável e modesto, cavalheiro de fino trato, António Aurélio Gonçalves pertence à geração de ouro da literatura cabo-verdiana. Ombreou lado a lado com Baltasar Lopes da Silva, Manuel Lopes e Jorge Barbosa na definição dos contornos da moderna literatura cabo-verdiana. Meticuloso e observador, AAG era sobretudo um "perscrutor" da alma mindelense.

Professor secundário, ministrou Filosofia e outras cadeiras no Liceu e na Escola Técnica do Mindelo. Embora pertencente à geração de Claridade, AAG não se considerava, contudo, um integrante desse grupo ou movimento literário, apesar de ter participado em vários números dessa publicação com textos, tanto de ficção como de ensaio ou crítica literária.

Do ponto de vista estético, Aurélio Gonçalves, conhecido pelas gentes do Mindelo por nho Roque, era um "outsider", isto é, integrava uma outra corrente estética que se concentrava sobretudo na cidade e nas gentes do Mindelo, através de uma abordagem individual e psicológica. De tão marcantes, algumas das suas personagens tornaram-se como que figuras míticas do Mindelo - Xandinha, nha Candinha Sena e várias outras que saíram da sua pena e que de tão reais muitos garantem ter vida real.

António Aurélio Gonçalves nasceu no Mindelo a 25 de Setembro de 1901, filho de um funcionário público. Com a transferência

do pai para São Nicolau, o jovem Aurélio acabou por fazer os seus estudos no Seminário-Liceu daquela ilha. Mais tarde, em 1917, seguiu para Lisboa onde, depois de vários anos, se formou em Ciências Histórico-Filosóficas. Na capital portuguesa Gonçalves viveu cerca de 20 anos consecutivos. Aqui privou com intelectuais portugueses e das antigas colónias africanas.

Admirador de Eça de Queirós, o primeiro livro de AAG acabou precisamente por se chamar "*Aspectos da ironia de Eça de Queirós*", um ensaio publicado em 1937, em Portugal. Ao contrário dos seus pares da Claridade que tinham os brasileiros como sua referência, Aurélio Gonçalves elegeu os europeus, sobretudo os franceses, Flaubert, Balzac, Maupassant, Anatole France mas também os russos Tchecov, Turgamiev e Dostoievski, daí Alfredo Margarido considerar o autor de "*Enterro de nha Candinha Sena*" como "o mais europeu dos escritores cabo-verdianos" ou mesmo "o mais realizado" dos seus colegas.

À semelhança de Tchecov, por exemplo, quase toda a novelística de AAG tem como enredo dramas familiares, com forte pendor psicológico. O americano Russel Humilton defende que esse ficcionista cabo-verdiano "alcançou um nível de maturidade quase sem precedentes na literatura lusófona". Em suma, segundo Manuel Ferreira, "*ler e estudar a obra de António Aurélio Gonçalves é compreender e aprofundar a sua identidade cultural e a consciência nacional*".

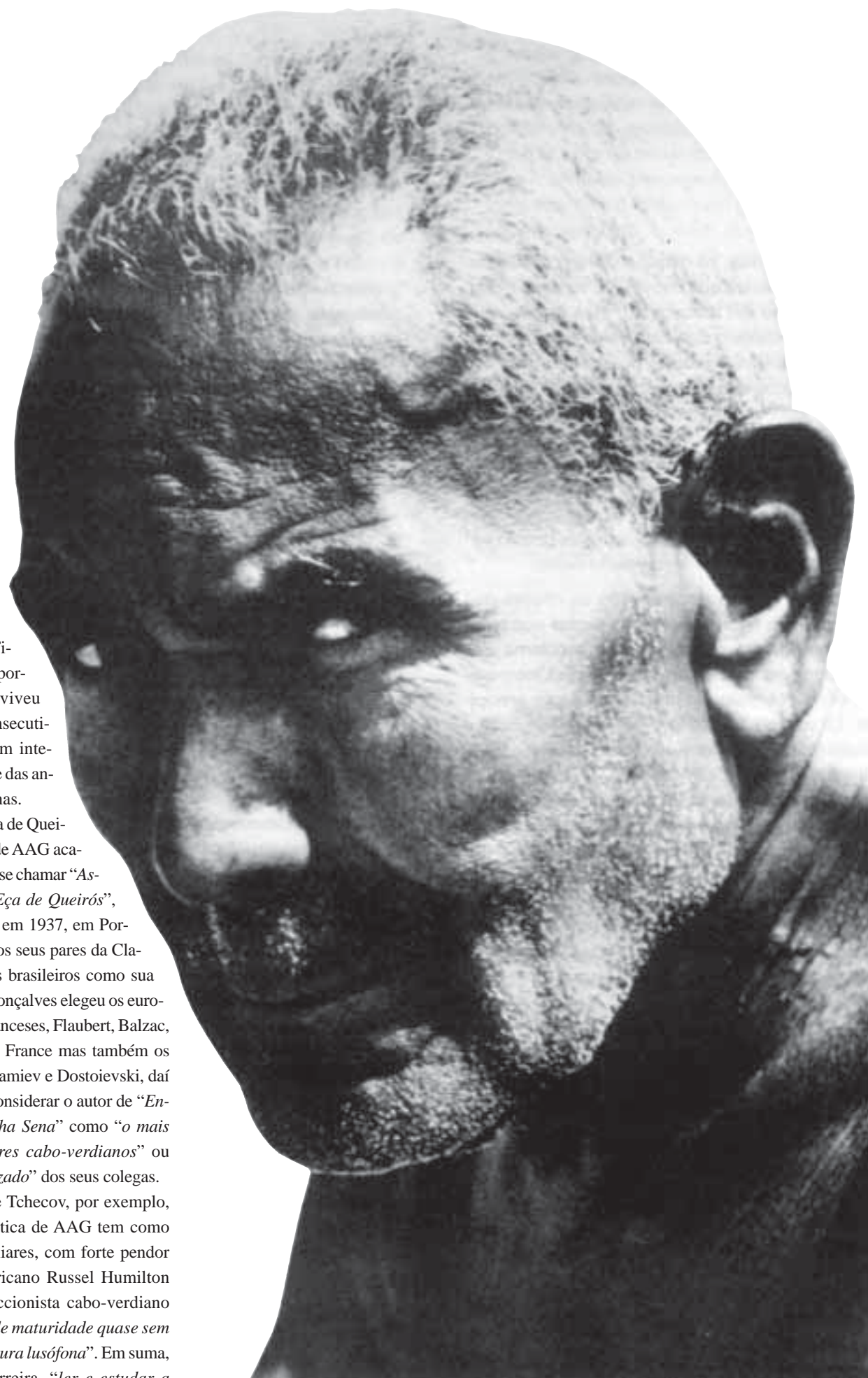
Graças ao empenho pessoal do seu amigo Arnaldo França, a obra de AAG está mais ou menos acessível ao grande público sem grandes dificuldades. "*Noite de Vento*" reúne as noveletas da primeira fase e "*Terra da Promissão*" (as da segunda e última fase). Pelo

meio está "*Recaída*" a única aventura em romance que se conhece dele, romance esse publicado postumamente.

Da bibliografia de AAG consta ainda "*Ensaio e outros escritos*", que, como o nome sugere, reúne vários textos ensaísticos e críticos, mas também palestras e testemunhos do autor sobre a literatura cabo-verdiana, João Cleofas Martins (nho Djun-

ga), Agostinho Neto etc.

Vinte anos depois do seu falecimento e 101 do seu nascimento, António Aurélio Gonçalves permanece no firmamento da literatura cabo-verdiana como uma das suas estrelas mais cintilantes. Vinte anos depois da sua morte, nho Roque permanece também vivo na memória e no coração dos seus patrícios, admiradores e amigos.



“Noti” de Dambará é oração para Rabelados

Editado em 1956, na Argélia, em plena noite colonial, este livro de versos do conhecido poeta-verdiano Felisberto Vieira Lopes - Kauberdiano Dambará -, é, a par do Velho Testamento, um dos livros mais conhecidos entre a comunidade de rabelados de Espinho Branco, no concelho de São Miguel, interior de Santiago.

Fomos encontrar um exemplar desse livro nas mãos do líder espiritual dessa comunidade, Nhô Gustim, já em avançado estado de deterioração, de tanto ser lido e escutado entre os membros da comunidade. Os versos de Noti são interiorizados pelos rabelados como uma oração em cada sessão espiritual, porque os membros dessa comunidade acreditam que “Noti” é um livro divino, porque invoca a justiça e a liberdade, valores tão caros aos rabelados.

O líder espiritual, Nhô Gustim, em conversa com A Semana Online, diz acreditar na força espiritual que emerge dos versos, porque, segundo ele, é um livro



que exorta “os homens de toda a terra a seguirem o caminho da paz, do amor e da fraternidade”.

“Noti” é um dos livros mais referenciados entre os rabelados, que têm ainda como obras de inspiração espiritual o livro de Júlio Monteiro intitulado “Os Rabelados da ilha de Santiago”, uma obra de Amílcar Cabral, para além do Novo e Velho Testamento.

Nota curiosa em relação ao “Noti”, de Kauberdiano Dambará, é o facto de ser um livro que há muito esgotou no mercado, e de tratar-se de uma obra relativamente ignorada tanto pela sociedade literária quanto pelo curriculum escolar.

Felisberto Vieira Lopes é natural da ilha de Santiago, e foi uma das vozes poéticas mais convictas durante o processo de luta de libertação. Publicou “Noti”, o seu único livro de poemas conhecido obra que serviu junto dos activistas políticos da época como uma demolidora arma de combate. Volvidos 48 anos após a sua publicação, este livro é descoberto junto dos rabelados e a funcionar como um verdadeiro “guia espiritual”. António Silva Roque

CARTA DE FORA



Texto: MÁRIO LUCIO SOUSA

III. DIREITOS DE AUTOR

Em Cabo Verde, como sabemos, não há leigos; as matérias é que às vezes são esguias. Mas mesmo nesse contexto pós-virtual de todos serem o melhor se fosse ele a fazer, ninguém está registado, entretanto, como autor.

A GEMA, a AKM, a SACEM encontram-se entre as mais prestigiadas e antigas sociedades de autores do Mundo. Estão respectivamente na Alemanha, Áustria e França. Diria eu que cedo se deram conta os europeus de que a grande realidade deste mundo é que não há obras anónimas. E que a grande ignorância deste mundo é crer que o anonimato pode fazer história. Descobrimo isso, os direitos de autor passaram a ser o primeiro gesto da democracia moderna em relação aos indivíduos criadores.

No meu país todo o mundo vive do que faz, desde a mais antiga das profissões, que é hoje a mais moderna de todas - a pixinguinha -, até às célebres pessoas que nunca fazem nada e vivem do mau reparo do que fazem os outros. Dizia eu, todos vivem do que fazem, excepto os autores, no senso intelectual do termo. Os únicos autores que realmente vivem do que fazem são os autores dos crimes, porque, como sabemos, o crime aqui compensa. Conhecendo a realidade que levamos sobre os ombros, bem vos posso garantir que ninguém aqui é suficientemente doído como para dar-lhe em criar uma sociedade de autores em Cabo Verde nos tempos que correm. Quando digo ninguém, falo de privados. E se a coragem fosse uma tentação, os moldes europeus de sociedade de direitos de autor copiados em África estão aí como espelhos, pois todas estão em falência. A nossa especificidade impõe que tropicalizemos também a nossa solução para a questão dos direitos autorais. A meu ver a iniciativa cabe ao Estado. E a minha reflexão aponta para a criação de uma Agência Caboverdeana dos Direitos de Autor. O Estatuto jurídico de Agência permitiria a criação de uma instituição mediadora entre o criador e os usuários, usufruindo e vivendo das percentagens recebidas por cada autor. A referida agência serviria igualmente de colectador dos royalties dos autores caboverdeanos no estrangeiro, através de assinaturas de convénios com as principais sociedades do mundo nesse domínio, o que no fundo é uma luta contra essa troca desproporcional de bens culturais dos países pobres por compensação casual dos agentes desses mesmos países pobres. Depois de organizada e funcional, a Agência podia ser privatizada, reservando o direito de sócio exclusivamente aos autores, editores, compositores e afins. (continua)

“AGRESTE, MATÉRIA, MUNDO”

José Luís Tavares traz o seu mais novo livro - “Agreste, Matéria, Mundo” - à Praia e à sua ilha na segunda quinzena de Outubro, no âmbito da XX Feira do Livro Português. Traz à capital a obra que, segundo críticos e leitores, embora diferente confirma o talento do poeta cabo-verdiano e nada deixa a dever ao primeiro livro “Paraíso apagado por um trovão”.

Na apresentação de “Agreste, Matéria Mundo”, no Mindelo, na semana passada, o romancista e poeta português Francisco José Viegas considerou que “com esta obra José Luís Tavares retoma uma aura clássica, com uma maturidade a que não falta uma certa ironia”.

Uma obra de tão grande qualidade que quando a lemos, segundo Viegas, parafraseando Corsino Fortes, “nos abala”. Isto, e mais “o amor de José Luís Tavares à gramática” fazem do poeta cabo-verdiano um dos preferidos do autor português.

“É um poeta admirável, um dos melhores que

me é possível ler na minha língua”, afirma Francisco José Viegas, que tem esta convicção desde que leu “Paraíso apagado por um trovão”, o primeiro livro de poesia de José Luís Tavares, distinguido este ano com o Prémio Mário António da Gulbenkian.

E Paraíso apagado por um trovão foi também lançado no Mindelo, pela voz de um outro poeta Corsino Fortes. Nas palavras do autor de “Pão e Fome”, “Paraíso apagado por um trovão é de um rigor de inovação expressiva com grande densidade exclamativa”, que fazem dela uma obra de “grande quilate na performance poética”.

São dons que lhe valeram o Prémio Mário António da Fundação Calouste Gulbenkian e devem fazer com que todos os homens e mulheres de letras de Cabo Verde se sintam orgulhosos por essa “obra de inusitada beleza e quilate literário” que ostenta a “seriedade do poeta que vem na sublime esteira de Eugénio Tavares”. Teresa Sofia Fortes



Lançamento Nacional

Paraíso apagado por um trovão & Matéria agreste mundo

Autor: José Luis Tavares Apresentador: Mário Fonseca

Lançamento hoje, sexta-feira, 18h 30 na Biblioteca Nacional

Apoio

Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro



KRIOLIDADI

KRIOLIDADI

KRIOLIDADI

Artur

em "Intimidade"

Música

Presença habitual nas noites cabo-verdianas e concertos em pubs do Mindelo, Artur Brito apresenta-se agora em carreira a solo com o CD "Intimidade". Um CD de cola zouk que conta com a participação especial de René Cabral, em dueto com Artur, ele próprio autor de cinco composições que versam sobre o amor e o relacionamento entre o homem e a mulher.

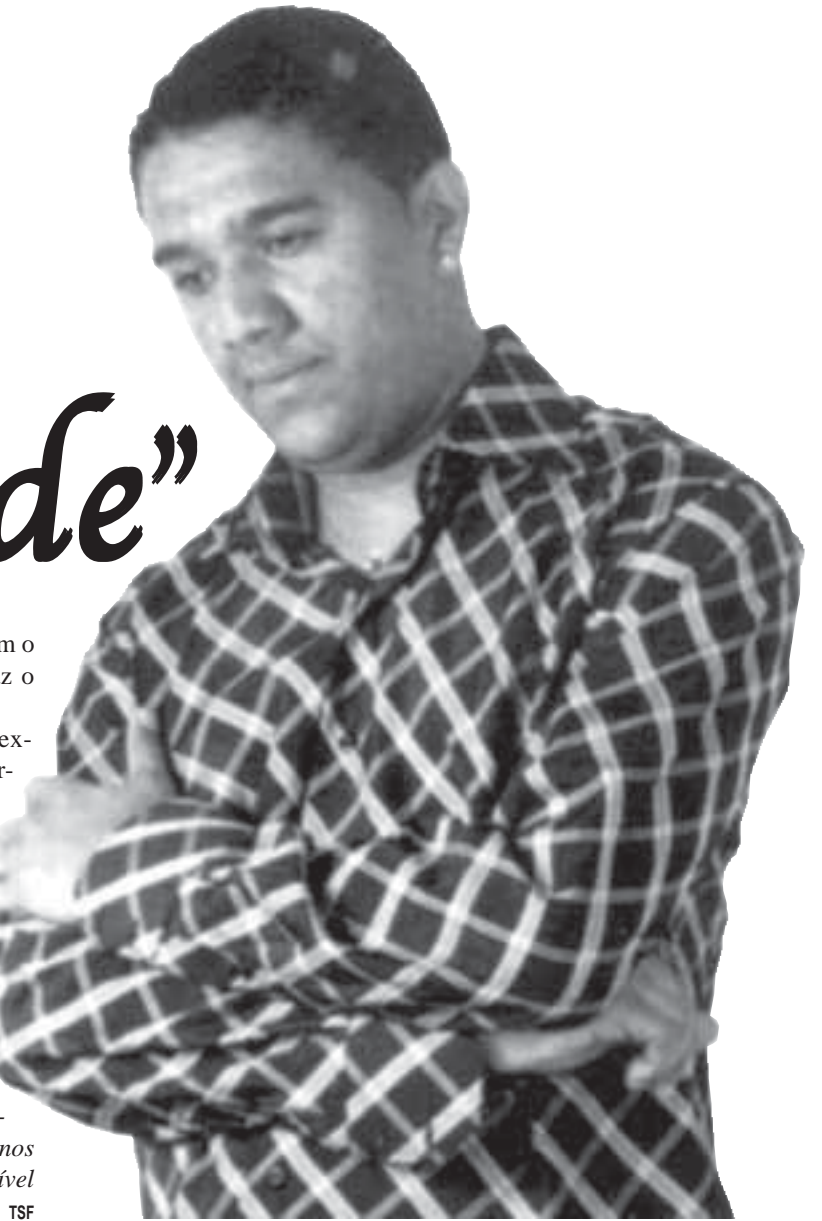
Os anos nos palcos da música do Mindelo renderam-lhe experiência, mas nada mais. Cansado da falta de oportunidades para gravar, Artur decidiu tentar a sorte em França. Eis, então, que em menos de um ano, edita "Intimidade". Um título que nasceu, diz Artur, do facto de o CD mostrar "o meu estilo de estar no palco e na música de Cabo Verde. Além disso, é um bocado de mim".

Artur assina cinco das oito composições de "Intimidade", tendo sido uma delas - "Dilema" - , escrita em parceria com Cuck's Freitas, autor de um outro tema, "Sexy Lady". John Euclides (Senhorita) e René Cabral

(Tem limite) assinam as outras composições. E é com o vocalista do grupo Cabo Verde Show que Artur faz o único dueto deste disco, com o "Tem Limite".

Em estilo cola zouk, o CD permite uma única excepção, a coladeira "Paródia". Uma opção que Artur, dono de uma voz bonita e límpida, não tem acanhamento em assumir. "É o que mais vende", afirma o cantor, que está a preparar a agenda de espectáculos para daqui a uma semana. São Vicente e Santo Antão são os dois pontos incontornáveis.

Após a mini-digressão, Artur regressa a França, país onde diz ter encontrado condições de trabalho jamais conseguidas em Cabo Verde. "É difícil de dizer mas ali conseguimos coisas que aqui demoram tempo. Há anos procurava gravar o meu disco e não conseguia, aliás, não esperava que em menos de um ano conseguisse o que em anos não foi possível em Cabo Verde", alega Artur.



TSF

ESTÓRIA ESTÓRIA EM SANTIAGO



Xclumbumba, Krretx Krretx e Txik Tok Tok são as três estórias que dão vida à agenda Estória Estória que Américo Fortes apresentará durante o mês de Outubro, em Santiago. O actor vai levar às crianças da ilha maior a oportunidade de ouvir "estórias divertidas e educativas" que são também um meio "recreativo de educar e formar cidadãos responsáveis e firmes defensores das nossas raízes culturais".

De 4 a 8 de Outubro, Américo Fortes leva Estória Estória gratuitamente às escolas e jardins de Santiago. Os espectáculos pagos ficam para os fins-de-semana. Assim, no dia 9, sábado, Fortes tem uma primeira sessão, às 16h00, segunda para duas horas mais tarde, às 18h00. No domingo, 10, promete uma única sessão, às 17h00.

Estória Estória segue depois para Assomada, onde Fortes montará o espectáculo duas vezes. A data ainda não está acertada porque, segundo o actor, "está a depender dos dias que o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro determinar para a XX Feira do Livro

Português, uma vez que farei os espectáculos a pedido dessa instituição".

E porque a seguir a Assomada, a feira acontece na Praia, Américo Fortes regressará à capital para uma sessão única e exclusiva de Estória Estória, a convite do IBNL, na segunda quinzena deste mês. Mas o autor de Xclumbumba quer levar o riso a todos os vales e cutelos de Santiago porque, diz, "a tradição oral é fundamental para alimentar a sede de conhecimento na camada infanto-juvenil, incentivar a leitura e a pesquisa das nossas raízes".

Mais, Estória Estória é um espectáculo dotado de praticabilidade e tem objectivos lúdicos educativos. "Necessita no máximo de duas ou três pessoas, o que o torna muito barato" e transmite mensagens sobre os valores da fraternidade, dignidade humana, amizade, amor e defesa das tradições nacionais. Daí, a agenda de espectáculos estar sempre aberta a novos pedidos de escolas, jardins e outras instituições ligadas à educação.

TSF

História

LURA EM DIGRESSÃO "Di Korpu ku alma"

Majestade em palco

Lura encerra este fim-de-semana a digressão "Di Korpu ku alma" em que qual abelha-mestra, vai pulverizando charme e talento por onde passa. No Porto Novo, nem o corte de energia nem o adiantado da hora fez as pessoas desistirem. Ninguém arredou o pé em São Vicente os fãs disputavam autógrafos e o melhor lugar para ver o concerto. Hoje, 1, às 21h00, é a vez da capital, estar em concerto Di Korpu ku alma à beira da piscina do Hotel Praia-Mar. Amanhã, 2, à mesma hora, o palco é o Anfiteatro José Cabral, em Espargos, Sal.

Com voz quente e suave, Lura consegue imprimir em disco e em palco beleza e dimensão ao trabalho poético dos compositores que disponibilizaram as suas composições para "Di Korpu ku alma". Uma qualidade a que ninguém, nem grandes nem pequenos têm conse-

guido ficar indiferentes. Basta ver crianças e adultos de Cabo Verde juntos nos concertos de Lura a cantar "Batuku", "Vazulina", "So um cartinha", ou "Na ri na".

Verdadeiro fenómeno em 2004, Lura, que gravou o seu primeiro álbum, "Nha Vida", aos 21 anos, segue agora para a Europa. A 9 de Outubro, sábado, ela participa no Festival "Musica dei Populi", em Firenze, Itália. Após uma pausa, Lura retoma a estrada e vai à França, onde estará em concerto a 11 de Dezembro, no Espace Jacques Prévert, em Savigny Le Temple.

Três dias mais tarde, 14 de Dezembro, a intérprete de "So um cartinha" sobe ao palco do New Morning, em Paris. A conquista do Leste começa pela Estónia. Nesse país, membro do antigo bloco soviético, Lura actua no dia 18 de Dezembro, no Estonia Concerthall, em Tallinn.

A cantora e compositora, que aprendeu o crioulo dos seus colegas de escola e com os seus familiares, leva na bagagem a experiência e o à-vontade frutos da sua personalidade viva e de anos de experiência de palco.

Nascida em Lisboa, em 1975, Lura foi em Novembro de 2003, uma das três cantoras escolhidas para o projeto "Women of Cape Verde", uma série de concertos realizada no Reino Unido, o que lhe rendeu convites e o lançamento de seus álbuns em diversos países europeus e uma participação no álbum "Red Hot + Lisbon". Com o mesmo tema, "Nha Vida", título do seu primeiro disco e que no Brasil ganhou uma nova versão e é "Hoje no Mar" no álbum de estreia do cantor André Gabbeh. Em 2002 edita o segundo CD da sua carreira - "In Love" - e agora conquista um lugar ao sol com "Di Korpu ku alma".



Música

KRIOLIDADI

“O Último Desejo” em montagem

Séculos XVII/XVIII, jovem plebeia luta pelo amor do nobre por quem se apaixona, o príncipe do reino. Este é, em resumo, o enredo de “O Último Desejo”, peça que Wilton Alexandre está a encenar, em parceria com a Santa Kultura, para estreiar neste mês de Outubro, na Praia. A história da jovem heroína de século tão distante do nosso é, entretanto apenas um pretexto, segundo Alexandre, para tratar um tema actual e bem conhecido dos cabo-verdianos - a luta renhida e árdua pela sobrevivência.

A oficina de teatro que o actor brasileiro Wilton Alexandre dirigiu a convite do grupo Santa Kultura, entre Julho e Agosto, na Praia, a cerca de 30 jovens, já está a dar frutos. Primeiro foi a peça baseada na ópera Carmina Burana e no bailado clássico “Lago dos Cisnes”, e que foi levada à cena no dia 31 de Agosto, no Auditório Jorge Barbosa, para assinalar o fim do curso. Agora, os alunos, alguns elementos do grupo Santa Kultura e actores convidados, preparam “O Último Desejo”.

“É uma peça que há muito tempo queria escrever, mas não conseguia tempo para fazê-lo”, conta Wilton Alexandre. Só que, “mal pus os pés em Cabo Verde e observei essa realidade social de luta difícil e constante pela sobrevivência, em meio a tantas dificuldades, sentei-me e escrevi de um só fôlego O Último Desejo”. A data e o contexto social que suportam a peça são, por isso, apenas uma roupagem. Porque o tema, esse, foi inspirado ao autor pela realidade cabo-verdiana.

Pois, “tal como a plebeia luta pelo seu sonho, que é ter o amor do príncipe, os cabo-



verdianos lutam pelos seus objectivos, enfrentando muitas dificuldades e obstáculos”. A jovem heroína não consegue concretizar o seu sonho - porque encontra a morte antes disso -, mas a mensagem que o autor e encenador quer transmitir é que “não devemos desistir nunca de lutar pelos nossos projectos e objectivos de vida, não importa o quão difícil possam ser de alcançar. Devemos lutar até ao fim tal como a

jovem plebeia, que antes de morrer pronuncia o seu último desejo”.

O Último Desejo é, assim, uma peça em que participam 10 actores, de diversas origens, integrantes do Santa Kultura, alunos da oficina de teatro dirigida pelo actor brasileiro e convidados de outras pandas. Voz, respiração e fala, corpo e jogos dramáticos, interpretação e criação de personagens, máscara e estilos de teatro deram o roteiro à oficina de iniciação teatral. Conhecimentos que, de uma forma geral, foram facilmente assimilados pelos alunos.

A única excepção, segundo Wilton Alexandre, é a capacidade de expressão, um dom que os cabo-verdianos ainda não aprenderam a utilizar em todas as suas vertentes. “Os alunos estão habituados à comédia e, por isso, têm dificuldades em expressar os sentimentos que estão habitualmente ligados a outros géneros teatrais. Daí que tivemos que investir muito para eles deixarem de reprimir esses sentimentos”, conta o actor brasileiro, que está também satisfeito com o número de alunos que terminou o curso.

“Iniciámos com 30 e terminamos com 25, quando a tendência é muita gente desistir e o curso terminar apenas com cinco alunos”, diz Alexandre, para quem o período de formação “foi uma experiência muito proveitosa e que gostaria de repetir”.

E da próxima vez que dirigir uma formação, também quer ver “mais envolvimento do Estado e dos empresários. Porque só com mais incentivos conseguiremos fazer um teatro de melhor qualidade”.

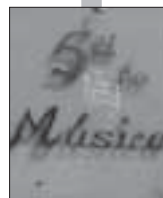
Teresa Sofia Fortes

AGENDA CULTURAL

- “Sete Pecados Capitais” é levado à cena pelo Atelier Teatrakácia, pela última vez, este fim-de-semana, no Centro Cultural do Mindelo, às 21h30. É uma comédia que ridiculariza os ditos sete pecados capitais e já encheu salas diversas vezes, e conseguiu a proeza de, ter os bilhetes esgotados mesmo antes de estreiar no Mindelact 2004.



- Nhelas, no saxofone, e amigos, hoje, a partir das 22h00, e, amanhã, Vulcão do Fogo são as opções que o Quintal da música oferece aos praienses neste fim-de-semana. Na quarta-feira as Batucadeiras de Taiti abrem a noite, que é de concerto do Paló.



- Sábado o grupo Revelação apresenta Rabecada de São Nicolau no Hotel Praia-Mar, a partir das 22 horas. Não falte.



- A Semana de Roterdão na Praia abre amanhã, 2, com uma exposição de pintura e escultura, de artistas holandeses no palácio da cultura. Uma mostra que acontece na sequência dos workshops de pintura e escultura em pedra ministrados a jovens cabo-verdianos por duas artistas de Roterdão.



Mindelo e Praia acolhem Imagens Lusófonas

Acontece nos próximos dias, no Mindelo e na Praia, a terceira edição do ciclo de cinema Imagens Lusófonas. Este projecto, que chega a Cabo Verde pelas mãos da Fou-Naná Projectos, dá-lhe durante sete dias, a oportunidade ver longas e curtas-metragens, documentários e videoclips produzidos no espaço lusófono. Esta mostra de cinema, que busca a socialização através da arte, acontece primeiro no Mindelo, de 8 a 13 de Outubro, e na Praia, cinco dias depois, de 18 a 23 do mesmo mês.

E no dia 8, às 21h00, no Éden Park, a estreia é com o filme “Tudo isto é fado”, de Luís Galvão Telles. Nos seis dias seguintes a Praça José Lopes e o Porão assumem o papel de anfitrião para exibirem 13 fitas, entre documentários e filmes, com destaque para “Ilhéu de Contenda”, do cabo-verdiano Leão Lopes. A mesma programação repetir-se-á dez dias depois, na Praia.

Se não tem possibilidade de assistir a todos os filmes, Kriolidadi sugere “Outras frases”, de Jorge

António (Angola), “Narradores orais da ilha do Príncipe”, de Ivo Ferreira (São Tomé e Príncipe), “O arquitecto e a Cidade Velha”, de Catarina Alves Costa (Portugal) e “O prego na cabeça”, de Sol de Carvalho (Moçambique).

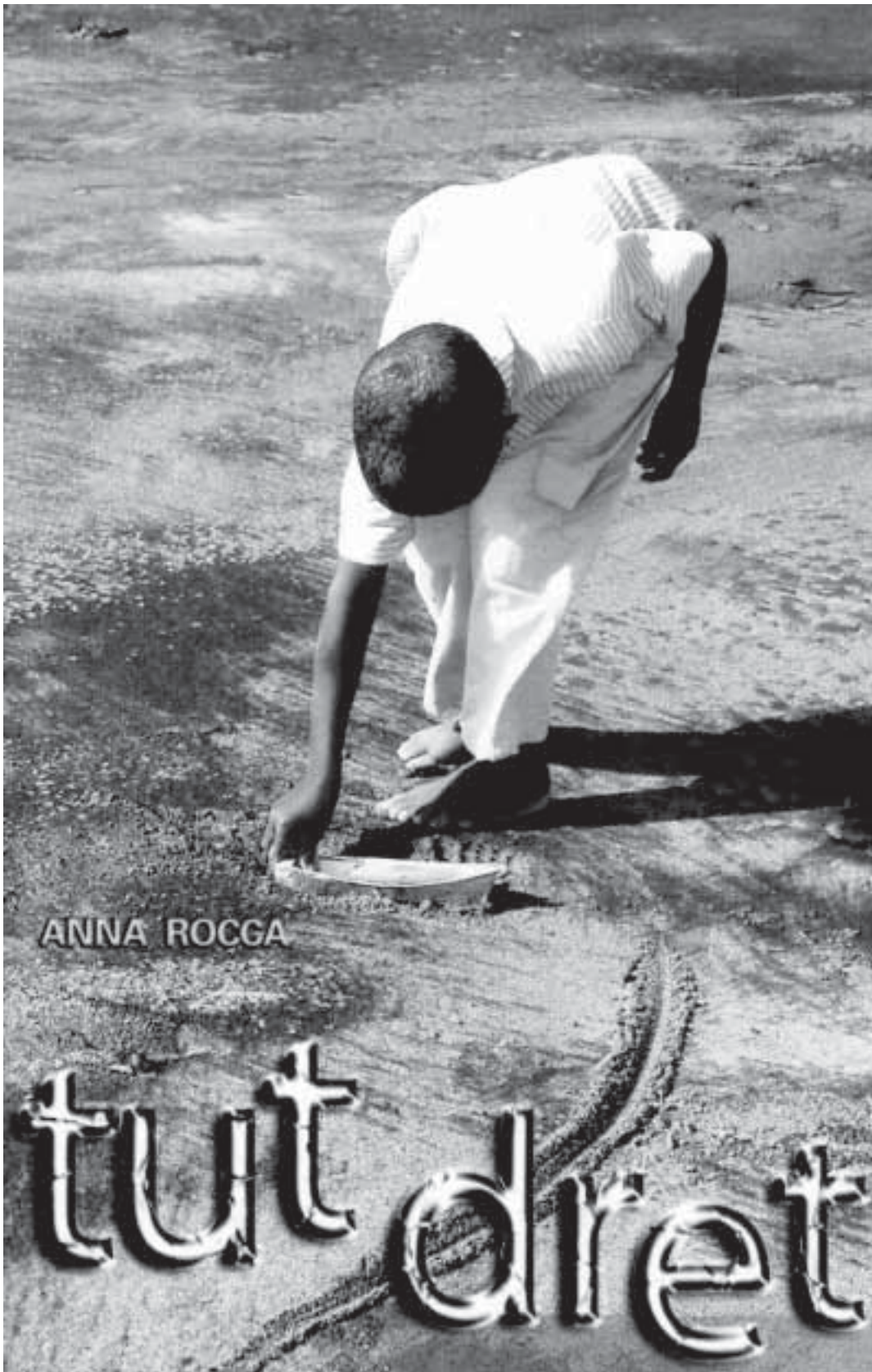
Imagens Lusófonas, que quer “dar a conhecer os filmes produzidos pelos países que têm em comum a língua portuguesa”, é uma mostra plural no que toca a países, género, temas e abordagens. Este ciclo de cinema procura entretanto ir mais além: busca, segundo Tambla, da Fou-Naná Projectos, “a socialização através desta arte”.

Por isso “trabalha o cinema como meio de promover o desenvolvimento, a integração, a educação e a intervenção da cultura cabo-verdiana no espaço universal”. Porque só assim, cultivando “bom hábito de vivenciar o cinema”, nas palavras de Tambla, os cabo-verdianos terão um “posicionamento firme, de corpo e alma, em tudo o que diz respeito à manifestação artística e intelectual do seu tempo”.

TSF



História



A beleza de ANNA ROCCA

“Com pincel e martelo Michelangelo passou por aqui/Perfeito o batimento no moldar da forma/Rigoroso na perfeição das matizes de ébano/Nejo e admiro a arte nestes corpos perfeitos/nas praias do Mindelo”. Este é um dos 26 poemas escritos pela pena de Anna Rocca, italiana, professora reformada a viver há um ano em Cabo Verde. O livro de poemas será apresentado no próximo dia 22, sexta-feira, na Biblioteca Municipal de São Vicente, com o título “Tud dret”.

Versos simples, belos, sonhadores que Anna Rocca foi “beber” à natureza ora agreste ora verdejante de Cabo Verde. “Tudo nasceu de forma natural, ao observar as coisas que me rodeiam, esta gente que, apesar de enfrentar todos os dias, na luta pela sobrevivência mil obstáculos, não perde a alegria de viver”, afirma com um sorriso tímido Anna Rocca.

E é essa timidez que obrigou a poetisa a guardar durante algum tempo, só para si, os poemas que falam das crianças, ruas, cidades e vilarejos deste Cabo Verde real. E só persistência de Moacyr Rodrigues, que estará apresentando o livro no dia 22, venceria os receios e a timidez de Anna Rocca. E é ela quem confessa conta que “ele insistiu que eu deveria publicar e acabei por aceder”.

O linguista insistiu porque acredita que “Tud dret”, uma colectânea “onde ressaltam relações semânticas mais do âmbito do sensível do que do dizível”, traz uma poesia dotada de uma “fina e subtil maneira estranha de captar a beleza da vida simples e pobre das gentes das nossas ilhas, sem mesmo aquela revolta silenciosa de Jorge Barbosa”.

Mas Anna Rocca vai mais longe, conforme Moacyr Rodrigues. A obra, “não retrata a realidade turística, embora os elementos pudessem sê-lo. Antes aflora as complexas sensações permitidas sómente à sensibilidade feminina. Porque tem a preocupação de não magoar e magoar-se Tud dret fala do mundo do sensível, da alma”.

Uma mensagem poética complementada pelas fotografias de Gaia Russo, filha de Anna Rocca, tiradas durante o período de férias da jovem e que fazem “Tud dret” um livro em que “não há sombras” porque tem a luz e o sol destas ilhas (já vendeu cerca de mil exemplares).

E como o livro só num espaço de dois meses já vendeu cerca de mil exemplares em Itália Rocca vai ficando bem firme os pés nesta terra nua para ganhar mais inspiração. E assim, “Manera”, outra expressão muito usada pelos sanvicentinos para cumprimentar, já se anunciar como o próximo livro desta italiana. Tudo porque, diz a professora, “sinto minha esta terra” e “continuarei por toda a minha vida a amá-la”.

Teresa Sofia Fortes

A Feira que vira instituição

Ainda restam dois dias para os praienses apreciadores de produtos de artesanato “made in Cabo Verde”, darem um pulo à Biblioteca Nacional, para ver e comprar peças de cerâmica, rendas, bordados, pintura, cestaria, velas decorativas, arte seca, batik, doces e licores. É que naquele espaço está a acontecer a 8ª feira de artesanato da Associação Zé Moniz (AZM). Um evento que reúne cerca de 60 expositores de 14 dos 17 municípios deste arquipélago.

Durante uma semana o público que se deslocou à Biblioteca Nacional teve a oportunidade de apreciar e comprar várias peças feitas por artesãos de 14 concelhos deste arquipélago, só não participam Santa Cruz, Maio e Porto Novo.

E é devido à grande participação dos expositores e ao grande entusiasmo por parte do público - todos os dias várias dezenas de pessoas visitam a feira - que o presidente da AZM, Manuel Faustino, já pensa em institucionalizar esta feira crioula e quem sabe exportar este saber fazer crioulo para outras paragens.

Nas palavras de Faustino, a próxima feira, a nona, vai ser de transição. “É que devido à sua potencialidade, a partir da décima edição pensamos em criar uma

instituição para promovê-la, e quem sabe fazer a exportação deste artesanato”. Descentralizar a exposição para as outras ilhas onde exista fluxo de estrangeiros também faz parte dos planos futuros da AZM.

Entretanto, estes planos terão que contar com o apoio de outras instituições. É que por ser a AZM uma ONG, a ela só cabe o papel de promover, de acordo com o seu presidente. Por isso, para que todas estas ideias se concretizem essa associação de solidariedade e desenvolvimento espera contar com a participação de instituições ligadas à cultura, à exportação e ao fomento dos pequenos empresários.

Já na recta final, a oitava feira da AZM, além de mostrar o que se faz por esse país afora em termos de artesanato, tudo num mesmo espaço, procura dar uma atenção especial e promover aqueles que muitas vezes não encontram um espaço adequado para expor os seus produtos.

Assim, na exposição pode-se encontrar grupos de expositores constituídos por presos da cadeia de São Martinho, os da associação dos deficientes de Cabo Verde, os rabelados de São Miguel, ex-toxicod dependentes, entre muitos outros.

